

O pai na psicanálise

The father in psychoanalysis

Alba Senna*

Clara Bar**

Marcia Gaspar Gomes***

Margarida Guilhon****

Marylink Kupferberg*****

Resumo: Este artigo resume uma pesquisa dividida em duas partes, que tem como objetivo investigar o tão prolapado fenômeno designado como “declínio da função paterna”, quando os efeitos observados na constituição da subjetividade contemporânea são comparados ao sujeito da modernidade. Aberta a discussão desta temática, o passo inicial da pesquisa investigou essa afirmação cuja circulação no discurso teórico psicanalítico traz consequências importantes para a prática clínica. Para isso foram traçadas as linhas mestras da teoria psicanalítica a respeito da constituição do sujeito. A segunda parte da pesquisa, em andamento, visa contemplar as diversas modalidades de apreensão da realidade pelo *infans*, desde a sua concepção e chegada ao mundo humano.

Palavras-chave: Pai, declínio da função paterna, constituição do sujeito.

Abstract: *This paper summarizes a research study divided in two parts. The goal of this study was to investigate the so call phenomenon “decline of the paternal role”, when the effects observed in the constitution of the self in the contemporary era are compared to the modernity’s self. Faced with the debate of this theme, the initial step of this research investigated this statement, of which theoretical role in psychoanalysis, brings important consequences to clinical practice. For that we drew the principle lines of psychoanalytic theory in regards to the development of self. The second part of this research, currently ongoing, aims at investigating the different modalities of apprehension of reality by infants, from uterine conception until their actual birth.*

Keywords: *Father, decline of the paternal role, subject’s constitution.*

* Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ.

** Psicanalista, Associada ao Fórum/CPRJ.

*** Psicanalista, Psiquiatra, Membro Efetivo/CPRJ, Integrante do Núcleo de Assistência Intensiva da Criança Autista e Psicótica do Instituto Philippe Pinel - RJ (1995-2000).

**** Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ.

***** Psicanalista, Associado ao Fórum/CPRJ, Coordenadora da Pesquisa *O Pai na Psicanálise*.

De seu quarto de criança, o menino começa a vislumbrar o mundo exterior e não pode deixar de fazer descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento do seu primeiro ideal. Descobre que o pai não é mais o mais poderoso, mais sábio e mais rico dos seres, fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, em regra, faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou. Tudo o que há de admirável e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai (Freud, 1914/1969:268).

Quando se faz referência à pós-modernidade e aos efeitos observados na constituição da subjetividade contemporânea, frequentemente ganha destaque o fenômeno designado como o “declínio da função paterna”, quando é comparado ao período moderno, declínio em função do qual novas formas de constituição da subjetividade e de patologias psíquicas seriam forjadas. Uma vez aberta a discussão em torno desta temática, o passo inicial desta pesquisa teve como objetivo investigar essa afirmação cuja circulação no discurso teórico psicanalítico traz conseqüências importantes para a prática clínica psicanalítica.

II. Introdução: o que é um pai em psicanálise?

Essa interrogação norteou os primeiros passos dessa pesquisa que evidentemente se iniciou com a escrita de Freud. A formulação da questão acerca do que a figura do pai pode designar envolve, desde o início de seu percurso clínico-teórico, uma transformação decisiva com respeito às considerações até então preponderantes, centradas numa referência puramente genética. Em outras palavras, ao se afastar da concepção de que a reprodução basta para engendrar a paternidade, isto é, bastaria ser um genitor para se tornar um pai. Daí a necessidade de circunscrever algo, além do biológico, que participa da origem do funcionamento psíquico. Sendo assim, Freud ultrapassou o biológico e fundou uma lógica do sujeito, dando um salto em direção à exploração da cultura, e rompeu a dicotomia entre natureza e cultura até então dominante. Simultaneamente trouxe para o primeiro plano de suas investigações a universalidade do simbolismo da linguagem, a substituição de um objeto por um símbolo ou de uma ação por uma representação simbólica, comum a todo

aquele que vem ao mundo e caminha em direção a aquisição da fala, inaugurando um modo de compreensão acerca das origens do sujeito.

Ao transpor o aspecto da procriação, Freud acrescentou algo às evidências enigmáticas do que constitui um pai e uma mãe concretamente, colocando em pauta o valor irreduzível de uma transmissão simbólica, diferente das necessidades fisiológicas que organizam a família biológica.

Mater certissima. Pai incertus lembrava Freud, retomando o adágio jurídico para indicar que do pai, ao contrário da mãe, só pode haver indícios no e pelo exercício de suas funções e apontou ser o vínculo com o pai e a Lei a condição necessária para que uma transmissão simbólica se torne possível, engendrando uma memória e uma historicidade. Constatação muitos anos depois sublinhada por Lacan: “(...) na família, o Pai (com P maiúsculo) não é o genitor” (Lacan, 1974, p. 51).

A pergunta, *o que é um pai*, legível desde os primeiros passos da experiência clínica de Freud, foi sustentada em vários momentos de sua obra. *O complexo de Édipo, Totem e tabu*, e seu “romance secreto” – *O homem Moisés e a Religião Monoteísta* escrito no final da vida são, sem dúvida, entre muitos outros, os três principais momentos da escrita freudiana sobre o pai. Ao longo destes e de outros textos, apesar de cair em alguns impasses que encaminham novas abordagens, sem que ele jamais abandone as anteriormente descritas, Freud nos fornece elementos para tomarmos o pai como um semblante e uma formação sintomática. Já ao final de sua teorização, no livro sobre *Moisés*, o *Pai* se torna presente explicitamente, como escrita e como sintoma. Trata-se do ponto culminante de suas reflexões – bem como o ponto de partida da teoria de Lacan sobre o Pai – quando deixa claro que o vínculo transferencial com o *Pai* e a *Lei* é a condição necessária à constituição de uma dívida simbólica capaz de tornar possível uma transmissão.

Em resumo, a primeira parte dessa pesquisa se constituiu de uma leitura da obra de Freud, seguindo as pegadas deixadas na construção do que vem a ser um pai para a teoria psicanalítica, nas várias etapas desenvolvidas em sua construção teórica. O passo seguinte foi uma consulta aos seminários de Lacan que, ao proceder a uma *releitura* da escrita de Freud, lançou novas luzes sobre os equívocos que desviavam o estudioso do *metier* psicanalítico com o objetivo de dar destaque às diferenças entre as figuras do pai no *social* e suas roupagens, e os *Nomes do Pai* na psicanálise. De acordo com Oliveira (2010), a indagação freudiana acerca do pai e sua função se encontra profundamente ligada ao caráter subversivo da psicanálise e à ética que a orienta. As versões do pai ofe-

recidas por Freud e por Lacan apontam a profunda ambigüidade que cerca o termo *pai*, ambigüidade que se evidencia tanto na cultura quanto na composição de cada destino singular.

A pesquisa vem seguindo seu curso, lançando mão de autores contemporâneos, que contribuem fartamente para o enriquecimento do debate, que tratamos de aprofundar e ampliar em direção a questões pertinentes ao tema, questões desenvolvidas durante as discussões do grupo e que trataremos de apresentar ao final da descrição desta primeira fase.

Passemos então ao resumo das etapas percorridas na obra de Freud.

III. O pai na teoria freudiana

1900-1910 – O pai edipiano

A questão do Édipo e a interdição do incesto são impen-sáveis se não houver o pai ou, se preferirmos, a função do pai (Garcia-Roza, 1995, p. 26).

Na carta 69 a Fliess (Freud, 21/9/1887) Freud confia seu segredo ao amigo. Não confia mais na sua *Neurótica*. Se até então suas análises não concluídas satisfatoriamente¹⁵ o levavam a atribuir atos perversos ao pai do paciente neurótico, a descoberta de que no inconsciente não existia um “signo de realidade” o impediam de distinguir uma verdade de uma ficção afetivamente investida. Sendo assim, a cena de sedução poderia ter sido criada pelo paciente e tomada como fato da realidade externa. Essa hipótese levou Freud a considerar o mundo da fantasia, sempre inconsciente, como um fator essencial da vida psíquica, responsável pela cena de sedução.

Estava aberto o caminho para as grandes descobertas sobre o funcionamento e a economia do psiquismo.

Abandona sua tese da sedução paterna como traumatismo infantil real, percebido na origem da sintomatologia de suas pacientes histéricas. Antes, a sedução traumática era determinada pelo adulto enquanto, agora, passa ao desejo infantil. A inversão é: do adulto para a criança e do real para as fantasias inconscientes que considerava comuns nos indivíduos e universal nos neuró-

¹⁵ Concluir, em 1897, significava remover todos os sintomas apresentados e evitar o surgimento de novos em seu lugar (Mezan, *Trama dos conceitos*, p. 67).

ticos (Mezan, 1985, p. 68)¹⁶. A partir daí, a leitura do drama vivido pelo neurótico leva Freud à descoberta necessária da sexualidade infantil, descoberta que o leva a percorrer um longo caminho até chegar a reconhecer a função estruturante do Complexo de Édipo. Não obstante a “fantasia” de sedução histórica passar a ocupar o topo da teoria da neurose, Freud jamais abandonou sua intuição e nunca abriu mão de seu mito do pai primordial.

Freud propõe uma analogia entre o que encontra na ficção e o que acontece na vida psíquica dos homens. Faz uso da mitologia de Sófocles para obter uma confirmação de suas hipóteses teóricas e, em sua explicação do desejo de morte contra os pais¹⁷, ele remonta à primeira escolha amorosa infantil, supondo haver uma simetria entre meninos — que têm a mãe como primeiro objeto de amor e o pai como rival — e meninas — que teriam o pai como primeiro objeto de amor e a mãe como rival. Assim sendo, o primeiro impasse na teoria freudiana sobre o pai pode ser identificado no Édipo, tal como formulado em 1900. Nesse primeiro momento de sua teorização sobre o pai, Freud considera que

a tristeza de um filho pela morte do pai não consegue suprimir sua satisfação por ter finalmente conquistado sua liberdade. Em nossa sociedade de hoje, os pais tendem a se agarrar desesperadamente ao que resta de uma *potestas patris familias* agora tristemente antiquada (Freud, 1900/1969, p. 284).

Como podemos observar, já em 1900 Freud não só apontava a ambivalência do *infans* em relação à figura paterna, como já chamava a atenção para a questão da ameaça de perda da autoridade paterna. Cabe notar que a concepção freudiana do Édipo de 1900 limita as possibilidades de se pensar numa saída para a sintomatologia causadora de sofrimento psíquico. O pai, sendo causa do sofrimento real, é culpado. Logo, se a vivência não for simbolizada pelo *infans*, não cessa de retornar sob a forma de angústia. Por um lado, essa leitura pode ser profícua ao se começar a pensar o modo de constituição do neurótico, que é também recortado em outros textos, como *Hamlet* e *Os irmãos Karamazov*. Mas ela certamente tem limites, na medida em que postula

¹⁶ A conclusão geral, extraída após o abandono da teoria da sedução, encontra-se sintetizada na *A história do movimento psicanalítico* (Freud, v. 14).

¹⁷ Freud, v. 4, capítulo V – *Sonhos Típicos: Sonhos sobre a morte de pessoas queridas* (1900).

o assassinato do pai como permitindo o acesso, sem perdas, à satisfação pulsional. Mas voltaremos a isso mais adiante.

A partir daí Freud recorre ao mito de Édipo para descrever uma estrutura central na formação psíquica, na constituição do sujeito, atribuindo uma compreensão psicanalítica a tragédia de Sófocles. Num primeiro tempo, a questão do pai passa a ser elaborada em torno da substituição da cena de sedução pelo fantasma histórico, isto é, em sua função edípica, o que segundo Michel Silvestre (1991), possibilita entender o *Pai* como formação do inconsciente, particularmente, o do sujeito histórico, primeiro passo para que se possa tomar o pai como um retorno do recalcado, formulação que será plenamente desenvolvida no final da obra, sobretudo em *Moisés e o monoteísmo*¹⁸.

1910 – O pai em Leonardo da Vinci

A psicanálise, que nos ensinou a íntima conexão entre o complexo do pai e a crença em Deus, tem nos mostrado que o Deus pessoal é logicamente nada mais do que um pai exaltado e, diariamente, demonstra como jovens pessoas abandonam sua crença religiosa assim que a autoridade do pai não se faz mais presente (*Leonardo da Vinci*, 1910/1969, p. 98).

A propósito, no belo estudo sobre Leonardo Da Vinci, Freud analisa sua vida e a associa a várias de suas obras, concentrando-se especialmente na *Mona Lisa* e na tela *Sant'Anna, a Virgem e o filho* (1502-1516). Nessa obra, Freud, em interessante processo de análise, percebe a presença do abutre, que havia sido registrado nos apontamentos de Da Vinci, como uma recordação de infância, ao tempo em que também entende estarem as relações de infância nela representadas: ele próprio, simbolicamente representado na figura da criança, a avó (representada por Sant'Anna), que o criou a partir dos 5 anos de idade, e a mãe, de quem se separou ainda criança, para ser criado pela família do pai.

Três anos antes de criar o mito da fundação das comunidades humanas, da religião (Totem) e da moral (Tabu), sugere pela primeira vez uma ligação entre o complexo paternal e a crença em Deus. Freud aponta a impor-

¹⁸ Para que o pai retorne como um sintoma é preciso que tenha havido previamente um recalque.

tância dos processos de identificação para a constituição da subjetividade, procurando compreender a homossexualidade a partir das concepções psicanalíticas. A tendência ao recalque do amor do menino pela mãe possibilita colocar-se em seu lugar, identificando-se com ela e podendo tomar-se a si mesmo por modelo para seus novos objetos de amor. Está dado o passo para a contribuição decisiva do narcisismo aos processos de subjetivação. Além disso, começa a ser articulada a capacidade de se ter uma crença à situação de impotência e necessidade de amparo do *infans*. Ao tentar negar seu desamparo, o homem lança mão de crenças em forças semelhantes àquelas que o protegiam na infância.

Após a construção do mito do assassinato do pai (1913), centro da teoria psicanalítica, firmaram-se as bases de elaboração psicanalítica da crença em Deus. A partir de então, a dor dos desprotegidos irá se tornar o ponto crucial da “*neurose religiosa*”.

Depreende-se da leitura do ensaio sobre o gênio italiano e da posterior narrativa (1913) sobre o fim do pai da horda, o que será anunciado adiante em *Futuro de uma ilusão*: “a religião é uma neurose infantil da humanidade”. Freud circunscreve a origem do sentimento religioso ao que se conhece como “nostalgia do Pai morto”: trata-se de um apelo – um grito de socorro – “contra a castração e a morte, em um mundo onde a castração e a morte já estão consumadas”, que é sempre dirigido ao “salvador”.

Embora a origem do sentimento religioso tenha como pivô central a fantasia da proteção do “deus-pai”, sabe-se que o “apelo ao pai” pode ser dirigido a qualquer *líder* político, mesmo ateu (1921). Basta que este, em determinadas circunstâncias políticas, sustente qualquer utopia de salvação de modo a apaziguar a angústia comum a todos.

1912/13 – O pai da horda primitiva: totem e tabu

Provavelmente o caráter mais perturbador do texto seja o de apresentar como tese central a idéia de que a humanidade surge de um assassinato cometido em conjunto e carrega, como marca do seu mal-estar, a presença persistente do desejo de assassinar. No começo não era nem o caos nem o verbo, mas o ato; e esse ato foi o assassinato do pai (Garcia-Roza, 1995, p. 26).

Nesse artigo a resposta à pergunta “o que é um pai” é oferecida através de um *mito científico*. Partindo de Darwin, Freud apresentou uma reconstrução histórica dos começos, isto é, uma mítica da cultura, da moral e da religião. Nela afirma que os homens viviam originalmente em hordas, todos sob o domínio de um único homem todo-poderoso, violento e ciumento, que possuía direitos exclusivos sobre todas as mulheres do grupo.

Como vimos acima, a intuição primeira a respeito de um Pai perverso na origem da neurose não é totalmente abandonada por Freud e retorna com o mito do *Pai* primordial. Este não é o pai edípico, o pai morto, fonte de legalidade e significante da castração. É um pai traumático, ou melhor, é um pai criado na tentativa de dar nome, de representar o irrepresentável. Em Freud, como mostra Silvestre (1985, p. 14-40), ele vem evocar a presença constante da aspiração à satisfação absoluta, fonte permanente de traumatismo. “O pai primordial é, se se pudesse dizer, um ‘significante inexistente’, porque não simbólico, do gozo sem lei [49], sem castração” (Costa, 1988, p. 42-52).

O mito narra um *ato fundador*, ato que institui o pai originário – *Urva-ter* – realizando a *Lei* fundadora e inconsciente da limitação do gozo (Garcia-Roza, 1995, p. 28): o assassinato do pai da horda primitiva por seus filhos que, ao se unirem, o assassinaram e em seguida o devoraram em um banquete totêmico, incorporando-o e, ao mesmo tempo, se transformaram em representantes desse pai ideal.

As formulações de *Totem e tabu* mostram que a morte do *Pai* não liberou o acesso à satisfação pulsional, ao contrário, intensificou sua interdição. Após o assassinato, ao se perceberem em estado de abandono e, devido a uma saudade inextinguível do pai (*ungestillten Vatersehnsucht*), os filhos criaram um substituto, primeiramente encarnado na figura do totem e posteriormente na figura de Deus, um pai glorificado. O assassinato do pai primevo, afirma Freud (1912-1913/1996), deve ter deixado traços inextinguíveis (*unvertilgbare Spuren*), que permanecem no decorrer do processo de civilização. Mesmo a supressão (*Unterdrückung*) mais implacável deixa atrás de si moções substituídas deformadas. Há uma *consciência de culpa criativa* (*schöpferisches Schuld-bewußtsein*) que persiste operando no inconsciente, produzindo preceitos morais e uma necessidade de expiação.

Dessa forma o festim totêmico é apenas a repetição e a comemoração desse acontecimento fundante da humanidade, ou melhor, da humanização, dado que é o começo

da organização social, das restrições morais e da religião (Faria Gabbi Jr.,1991).

Em resumo, o fim da horda primitiva é consequência da organização vitoriosa da aliança entre os irmãos e marca o advento do *Pai*, precisamente pela ausência de um sucessor para o pai da horda – *Urvarter* – uma vez que sua morte não deixará sucessor. Devorado e partilhado em refeição totêmica, seu lugar permanecerá para sempre *vazio*. Imediatamente após o assassinato a imagem do *Pai* foi recalçada e, a partir daí, funda-se para os vivos o universal da renúncia à satisfação *pulsional* e, simultaneamente, a instalação da figura de um *pai simbólico*.

É preciso ressaltar que há o assassinato, a eliminação, mas também o processo de *identificação*. Há *hostilidade*, mas também, *temor* e *amor*. *Totem* é o pai e *tabus* são as proibições: “de matar o pai e de ter relações com mulheres do mesmo Totem”. Todos se unem contra o pai para matá-lo, todos recebem a marca, o legado simbólico, mas ninguém encarna o pai. Em favor dele todos o incorporam e caberá a cada um tomar um traço seu. Assim sendo, a proibição é protetora porque vela o impossível e instaura o desejo. A lei só é introduzida a partir da culpa/remorso – retorno do amor – provocada pelo assassinato.

Eis aí a condição da cultura: o pai morto é a questão da lei; um lugar vazio e ao mesmo tempo um lugar de referência. Desta forma, em *Totem e tabu* Freud aponta para o *simbólico* e para a idéia de *alteridade* e a construção dessa narrativa (mito se preferirem) como ato fundante da cultura, constitui o *pai* na origem do sujeito e da linguagem e revela um saber para sempre limitado pelo *Real* da origem.

Também neste momento Freud se pergunta, pela primeira vez, como é realizada a transmissão desses traços inextinguíveis de uma geração a outra. Sua resposta aqui é de que se trata de uma transmissão biológica. A herança arcaica é transmitida ao longo das gerações, restando como um vestígio atávico, responsável pelo retorno do recalçado. A hipótese de uma herança arcaica, transmitida geneticamente, será repensada posteriormente a partir das formulações de *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Veremos, quando abordarmos os escritos de 1938 em diante, que Freud passa a considerar que, uma vez transformado em narrativa, contado e recontado ao longo dos tempos, esse acontecimento adquiriu o valor de uma herança arcaica e o mito do assassinato do pai se conservou como uma *verdade histórica* (Freud, 1939). *Verdade histórica* que busca simbolizar as origens da comunidade humana, da moral, das religiões e da neurose.

1921 – O pai e o líder: psicologia das massas

Em *Psicologia das massas e análise do eu* Freud avança na concepção de alteridade e do *Pai* com um sentido de chefe ou líder. Ao propor uma apreciação entre psicologia individual e psicologia social, vai concluir que o social está sempre inserido no sujeito. Propõe o conceito de *libido*, fonte energética das pulsões, que operam em tudo o que se relaciona ao amor, e acrescenta que a essência da alma das massas são as relações amorosas e os processos de identificação que se tecem nessas relações. Ao proceder a uma análise do eixo vertical (com o líder) no contexto das massas artificiais – Igreja e Exército – e das massas naturais, sem líder, no seu estado natural, cujo eixo é horizontal, faz um estudo do conceito de identificação. A partir desse texto, o sujeito freudiano será sempre pensado com o grupo (os outros).

Em *Psicologia das massas* Freud considera a psicologia individual colada (*verklebt*) à psicologia coletiva, o que conduz a uma extensão da leitura do Édipo, visto que o sujeito, inserido num tempo e espaço cultural, é constituído, na sua formação, pelas marcas de seu tempo. Esta extensão abarca, além do pai de família, todas as lideranças, grupos sociais que circunscrevem a vida do sujeito. Daí a importância do artigo de Freud para a continuidade da pesquisa.

1928 – O pai em Dostoiévski e o parricídio

A partir do romance *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, Freud (1928/1987) dá um passo à frente com relação a *Édipo rei*, de Sófocles, e a *Hamlet*, de Shakespeare, que se manifesta como um saber sobre o gozo, que se torna exposto e é situado do lado do pai. São mostradas duas versões do pai: o pai idealizado que aparece, por exemplo, na figura do *starez* Zosima e o pai degradado, gozador, representado pelo velho Karamazov revelando não somente a figura do pai em seu caráter pacificador como também mostra a sua face desregulada. Se Dostoiévski supõe que o pai seja uma exigência normativa imprescindível, Freud mostra que o pai não se reduz a uma norma, revelando-o como uma instância inconsistente, não pacificadora. Mas vai mais longe ao propor que o pai é um artifício, uma construção auxiliar. O que é acrescentado aí é a constatação de que a identificação com o pai constrói um lugar permanente para si mesma no *eu*. Recebida dentro deste e lá se estabelecendo como um agente separado, em contraste com o restante do conteúdo do eu, ao qual é dado o nome de *Supereu*. Como herdeiro da influência parental, agora internalizada, a ele são atribuídas as funções mais importantes.

Mesmo o destino é correspondente para Freud a uma construção auxiliar (*Hilfskonstruktion*) que se articula ao pai – “o destino, em última instância, não passa de uma projeção tardia do pai” (Freud, 1928/1987, p. 190).

Neste texto Freud ressalta o fato de três das obras-primas da literatura de todos os tempos — *Édipo Rei*, de Sófocles; *Hamlet*, de Shakespeare; e *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski — tratarem da mesma temática: o parricídio. Todas as três têm, como motivação para a ação, a rivalidade sexual por uma mulher. Ao colocar *Os irmãos Karamazov* ao lado de *Édipo rei* e de *Hamlet*, Freud nos reenvia à teoria do pai e seus impasses, impasses que irá retomar no estudo que acompanha os últimos anos de sua vida: *Moisés*.

1914 – 1939 – A figura do pai nos dois Moisés de Freud

1914 – O Moisés de Michelangelo

...nunca uma peça de estatuária me causou impressão mais forte do que ela. Quantas vezes subi os íngremes degraus que levam do desgracioso Corso Cavour à solitária *piazza* em que se ergue a igreja abandonada e tentei suportar o irado desprezo do olhar do herói (Freud, v. 13)!

Freud só aceitou publicar esse texto na *Imago* em abril de 1914 por insistência de Abraham e Ferenczi, mas sem a sua assinatura, que só vai aparecer em 1924, quando é lançada a primeira publicação das obras completas.

A análise de Freud da escultura do Moisés de Michelangelo, erguida na igreja de San Pietro in Vincoli, em Roma, centrou a discussão sobre se Moisés – irado – estaria prestes a quebrar as *Tábuas da Lei* ou, ao contrário, a preservá-las, tentando inferir quais poderiam ter sido, na intenção do artista, os movimentos propostos pela posição da estátua. Em sua inércia majestosa indicava, por um lado, algo referente à perenidade e, por outro, uma ação passageira. Ao analisar os detalhes, ressaltando o aparentemente insignificante, tal como procederia num processo analítico, Freud fez incidir sua interpretação sobre a relação da mão direita de Moisés com a barba e com a posição das *Tábuas da Lei*. Concluiu que o movimento imediatamente anterior de Moisés, na intenção do autor, depreendido da estátua, era no sentido de evitar que as *Tábuas da Lei* caíssem e se despedaçassem em decorrência do movimento brusco, precipitado, diante da indignação colérica que o assomou pela infâmia da massa,

que voltara a adorar seus ídolos. Para Freud, a estátua retrata a calma de Moisés sobrevivida após a tempestade.

Do livro dos sonhos até o seu *Moisés e o monoteísmo*, passando por *Totem e tabu*, podemos ler em todo o percurso de sua elaboração teórica uma relação entre sua própria história e a de seus ancestrais na sua busca de uma elucidação para o enigma paterno.

Segundo alguns autores, o encontro de Freud com o Moisés de Michelangelo aconteceu num momento em que o próprio Freud estava irado frente aos rumos que tomava o movimento psicanalítico em consequência das diferenças teóricas entre ele, Adler, Steckel e Jung ; a outra leitura é a de que se sentiria frente ao olhar do pai que lhe estaria a exigir fidelidade à história sagrada do seu povo, representada pela Bíblia de Philippsohn, que dele recebeu de presente por duas vezes e cuja dedicatória era um chamamento a que Freud reconhecesse no saber do seu povo – o saber sobre a *Lei de Deus, do Pai* – uma sabedoria maior do que a adquirida por meio da Ciência.

Moisés trouxe as *Tábuas da Lei* por duas vezes, testemunho de uma nova aliança com seu povo. Freud trouxe uma nova ciência que lhe permitiu, inclusive, interpretar as intenções de Michelangelo, afirmando a seu respeito que havia ousado, em nome da Arte, modificar o tema da *Torá*, quebrada de acordo com a História Sagrada e mantida intacta pelo artista. Segundo a interpretação de Freud, Michelangelo impediu que a ira de Moisés o levasse a quebrar as *Tábuas da Lei*, o fez *avançar* em espiritualidade, a fim de preservá-las. O limite entre a animalidade colérica, que se expressa como paixão humana, e sua contenção, em função de um propósito relacionado a uma causa superior de Freud, permitiu-lhe indicar o sublime no humano.

Com isto, diz-nos Freud, Michelangelo acrescentou algo novo e sobre-humano à figura de Moisés, e a enorme massa corporal e a prodigiosa musculatura da estátua são unicamente um meio somático de expressão da mais alta realização psíquica possível a um ser humano, que é a do domínio das próprias paixões em benefício de uma causa a que se consagrou. Em *Moisés de Michelangelo* aparece um Moisés mais impedido desse ato de destruição e protetor da lei.

1927 – O pai do humor

Freud aborda o tema anteriormente estudado como chiste (1905) à luz da nova representação estrutural do aparelho psíquico, da segunda tópica, trazendo aspectos metapsicológicos novos nas últimas páginas do artigo no qual,

pela primeira vez, o *Supereu* é apresentado num estado de espírito afável. Diferente do prazer obtido do cômico ou do chiste, no humor o supereu se afasta da realidade penosa e oferece – ao eu ou aos outros – uma ilusão que o libera do sofrimento. Enquanto o chiste equivale a uma colaboração do inconsciente feita ao cômico, no humor a contribuição tem origem no *Supereu*. Este, que geralmente se revela severo, se torna condescendente garantindo o prazer do *Eu*.

A operação realizada pelo humorista consiste em tratar seu *eu* desamparado como um adulto trata as aflições triviais de uma criança, o que só pode ocorrer se o humorista tiver sucesso em “identificar-se até certo ponto com o pai”¹⁹ (Freud, 1927, p. 191); o bastante para promover a ilusão criativa, própria dos processos sublimatórios; mas, não a ponto de caracterizar a identificação narcísica com o pai onipotente, que ilusoriamente garantiria a imortalidade para o *ego* ameaçado de extinção (Kupermann, 2002). Ainda segundo este autor, a identificação *parcial* com o pai, da maneira como se dá no humor, oferece os instrumentos para a elaboração da noção de *identificação sublimatória* como uma modalidade identificatória, que incita o sujeito à experiência de desterritorialização egóica e ao enriquecimento erótico da sua existência.

O humor combate as modalidades de opressão massificadora e de idealização, podendo promover comunhão e criar laços identificatórios no sentido em que o fazem os processos criativos sublimatórios que, como no caso da criação artística, fomentam a “unidade cultural”, proporcionando aos sujeitos a “ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas” (Freud, 1927a, p. 25).

Então é pela via do humor que Freud vai trazer a idéia de *Pai* através do *Supereu*, herdeiro do Complexo de Édipo, mas num lugar menos severo, mais benevolente, um pai que compartilha a falibilidade e o desamparo do filho, um supereu que entra como uma defesa do narcisismo, não apenas de forma legiferante mas também doadora. Um *Supereu* que consola o *eu* intimidado e o protege das ameaças e perigos que o desamparo traz consigo, função que confirma “sua origem no agente paterno”.

1939 – O homem Moisés e a religião monoteísta

O homem Moisés e a religião monoteísta (1934-1938/1987) pode ser considerado o terceiro e último momento da teorização sobre o *Pai*, que nele apa-

¹⁹ “(...) gewissermaßen in die Vateridentifizierung begeben (...)” (Freud, 1972, p. 386).

rece como *sintoma* e como *escrita*. Freud constrói esse texto de forma a enlaçar dois domínios radicalmente heterogêneos: o de Javé, um demônio sinistro e sedento de sangue, e o de Aten, o deus de Akhenaten (Balmès, 1997). Do enlaçamento desses dois deuses, dessa operação textual, surge *Deus-Pai* como único que continua, desde então, operando com uma força irredutível.

Essa construção textual pretende dar conta de como a influência do monoteísmo, cuja origem repousa sobre um estrangeiro, Moisés, entrou em operação, engendrando o monoteísmo judaico. Freud se surpreende com o fato de que certos preceitos da *tradição* não se enfraquecem com o passar do tempo, mas – antes – tornam-se mais poderosos, exercendo influência sobre o pensamento e as ações de um povo.

Apesar da idéia de alteridade já ter sido bastante desenvolvida em *Psicologia das massas*, ela é reforçada através do aparecimento da idéia do *Pai* como um *estrangeiro*, aquele que veio de fora: Moisés é egípcio.

A escrita deste texto é realizada por Freud num campo de afetação, pressionado pela segunda guerra mundial e pelo anti-semitismo que ameaça o destino dos judeus, encaminhando o centro de sua reflexão em torno da temática da tradição judaica. Moisés era um derrotado e assassinado. Mais uma vez se trata de um *Pai morto*, marcado pela ausência, tal como aparece em *Totem e tabu*.

Podemos considerar que a figura do *Pai Morto* em *Totem e tabu* está para a primeira tópica assim como a figura do *Pai* em Moisés está para a segunda tópica freudiana. A redescritção da primeira teoria pulsional com a introdução da dualidade pulsão de vida X pulsão de morte, criando uma segunda teoria pulsional, introduz uma releitura da teoria psicanalítica da cultura, apoiada na teoria do *trauma* e na constituição da *tradição* (Kupferberg, 2003).

O *Pai* passa a aparecer então como o símbolo da ausência, do morto e ao mesmo tempo do estrangeiro. Para sair do âmbito materno é preciso conceber a idéia de estar frente a um estrangeiro. Como última elaboração, o pai que surge em “Moisés e o monoteísmo” fornece o modelo teórico da *função paterna* na doutrina freudiana. A intransigente proibição monoteísta de representar Deus em imagem, “talvez como nova medida contra abusos mágicos” (Freud, 1939[1943-38]: 135) – o Deus de Moisés não teria nome nem semblante –, significou um passo criador que transpõe a idéia de nostalgias sensoriais. Moisés escolhe seu povo, mas este o mata e o institui enquanto pai. Ou seja, os filhos escolhem ser filhos de tal pai. Freud escreve que esta escolha só é possível graças à prevalência do intelecto sobre os sentidos, para os quais só a maternidade é cognoscível e revestida de importância. Tal fato significou “subordinar a percepção

dos sentidos a uma idéia abstrata; foi um triunfo da *Geistigkeit* (palavra que designa tanto intelectualidade quanto espiritualidade) sobre a sensualidade” (*ibid*).

Um avanço em intelectualidade consiste, assim, “em decidir contra a percepção sensória direta, em favor do que é conhecido como processos intelectuais superiores: lembranças, reflexões e inferências”. Isso significa que no lugar da percepção sensível surge um investimento no pensamento e na linguagem. Este triunfo da intelectualidade, estritamente falando, produziu um efeito profundo: “uma renúncia à satisfação pulsional direta com todas as suas conseqüências psicológicas necessárias” (*op.cit.*) e, indiscutivelmente, representou um dos mais importantes estágios no caminho da hominização, isto é, um avanço (da mãe terra para o pai espírito) em civilização.

O apagamento dos traços dos acontecimentos ligados à história de Moisés foi impresso no próprio texto bíblico, permitindo a sua leitura. Conforme aponta Solal Rabinovitch (1997), com a construção do *Moisés* Freud faz funcionar o intervalo entre a palavra e a escrita, no qual viu operar a falsificação da letra bíblica e onde situa o segundo assassinato como colocação em ato (*Agieren*) do assassinato primevo. O segundo assassinato, o de Moisés, irá sustentar, de acordo com Freud, o desmentido (*Verleugnung*) do assassinato primevo, a atuação (*Agieren*) aparecendo no lugar da lembrança. Essa concepção de escrita presente no texto em questão mostra, portanto, a letra, na medida em que ela se escreve com o apagamento dos traços. O texto bíblico deformara, por exemplo, o fato de que o costume da circuncisão se originara no Egito, sendo, pois, a marca da origem estrangeira (egípcia) do monoteísmo, marca inscrita no corpo, da origem que fora desmentida. O saber é escrito com a deformação (*Entstellung*) do texto, com suas lacunas e omissões. A deformação do texto abre espaço para Javé, glorificando-o, levando-o a receber então, injustamente, as honras que, segundo Freud, deveriam ser atribuídas a Moisés. Nesse sentido, Freud opera a escrita de uma fratura, incluindo algo de estrangeiro, de estranho, no monoteísmo e, dessa forma, mantém a ambigüidade do *Pai*.

Para Rabinovitch (1997), o desmentido (*Verleugnung*) do assassinato primevo, ao se fixar na letra do texto, funda o real desse assassinato. Essa seria uma forma de resposta à pergunta de Freud sobre a transmissão, feita pela primeira vez em 1912, quando redigiu *Totem e tabu*. A herança arcaica que acompanha a lei fora preservada como escritura, transmitindo-se pela letra. Agora (1938), de acordo com a nova causalidade instaurada por Freud, torna-se possível presumir que é do saber escrito, saber deformado, que se destaca, no *a posteriori*, o assassinato como anterior. Não se trata, portanto, de rastrear

as pistas de uma verdade a ser reencontrada. Mas uma vez suspenso o *recalque* (ou seria a *recusa* como afirma Rabinovitch?), retornam as lembranças e, a partir de então, “A obrigação de lembrar é o penhor da transmissão”.²⁰

Caminhando para uma conclusão, ainda que provisória, consideramos que a construção freudiana se efetua sob o signo da dualidade, a saber:

dois povos, dois reinos, dois nomes; duas fundações de religião, dois fundadores, duas mortes do *Pai* (*Totem e tabu* [1912/1913] e *Moisés* [1938]).

O que Freud aqui acrescenta à concepção psicanalítica do *Pai* pode ser considerado como coincidente com o ponto final da invenção da Psicanálise. *Moisés* não pode ser considerado como um texto marginal, nem tampouco se presta a ser redutível a uma aplicação da Psicanálise à história das religiões. O esforço de Freud, suas dúvidas, dificuldades e hesitações, a retomada em forma de síntese de uma teoria desenvolvida ao longo de 50 anos, bem como o momento histórico que atravessou a árdua tarefa que significou a escrita deste texto, destacam sua importância para a transmissão na e da Psicanálise.

IV. O pai em Lacan – o(s) nome(s) do pai

É no nome do pai que devemos reconhecer o suporte da função simbólica que, desde a aurora dos tempos históricos, identifica sua pessoa à figura da lei”. (Discurso de Roma – Lacan, Escritos, *op. cit.*, p. 278).

Em toda sua obra Lacan recorre ao conceito *Nome-do-Pai*.

Em francês *les Noms du Père* tem o significado de nomes do pai. Lacan lança mão da homofonia “*les Noms du Père*”, os não do pai e “*Les non-dûpes-errent*”, onde vai jogar com os significantes das palavras. Aqui vai significar “Os não-tolos erram”.

Lacan extrai das formulações freudianas que o *Pai*, como função simbólica, é um organizador da pulsão e uma necessidade lógica. Desse ponto de vista, o pai da horda é o referente imediato daquilo que designou como sendo o pai imaginário, um pai que cria a lei, mas paradoxalmente faz exceção a ela; o pai morto se converte em pai simbólico, um pai que introduz os filhos no campo da lei, conduzindo-os a encontrar seu próprio lugar na constelação familiar, marcados – desde então – pela limitação e pela contingência. Lacan diz: “O assassinato

²⁰ Fuks, B., *A Vocação do exílio, Psicanálise e Judaísmo*, p. 234-235.

do pai significa, justamente, que não se pode matá-lo. Ele já está morto desde sempre (...). Mas, vejam, resta o Nome-do-Pai e tudo gira em torno disso” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 149). Se de um lado verificamos com Freud uma supervalorização da figura do pai, de outro, a contribuição introduzida por Lacan nos permite pensar o declínio da *imago* paterna no mundo contemporâneo, sem com isso desconsiderar os efeitos de sua presença. Ao servir-se do gesto freudiano, Lacan irá nos apontar que a releitura do pai não poderia ser senão simbólica.

Por este viés, o *Édipo*, o *Assassinato do Pai* e *Moisés* seriam construções míticas para romanciar a impotência da função paterna frente ao excesso pulsional. Tais alegorias vem demonstrar um paradoxo: ao mesmo tempo em que a metáfora paterna tem como função barrar o gozo, o empuxo ao gozo, sempre presente através da compulsão à repetição, tenta se manter através da reatualização de apelos à função paterna.

Sabemos que para Lacan o Inconsciente é estruturado enquanto linguagem. Mas o que vem a ser isso?

Lacan toma emprestado da lingüística de Saussure os conceitos de significado e significante. Para um significante vários significados podem se alocar. Como irão aparecer estes significantes, condição necessária para a emergência do sujeito. Através da palavra. E esta só vai advir quando houver a entrada do primeiro significante que é o *Nome-do-Pai*. Este significante *Nome-do-Pai* nada mais é do que um terceiro intruso. Ele impõe a alteridade, isto é, a diferença entre a mãe e o bebê. Ele é o significante mestre (*SI*) que vai barrar o desejo da mãe pelo seu bebê e vai substituir esta falta, a hiância deixada em ambos. Como ele entra num lugar de substituição, vai ser também chamado de *Metáfora Paterna*. Lembremos que metáfora é o efeito de substitutos de um significante por um outro na cadeia.

Lacan vai dizer: “a metáfora que substitui este Nome no lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (Conte, 1993).

Em outras palavras, a mãe, possuidora de desejo, abre caminho para que seu bebê inicie seu processo de individuação. Na dialética do ser/ter (falo) até chegar a um processo de simbolização, o sujeito, no momento da entrada no Édipo, negocia com uma conjunção de desejo e falta.

O Édipo em Lacan

No primeiro tempo, mãe-bebê formam uma unidade narcísica. Entrelaçados, mãe-bebê conferem um ao outro a ilusão de sua perfeição.

No segundo tempo, tempo da castração, o bebê é confrontado com a ausência/presença do Outro materno. Percebe-se como não sendo o falo materno. Agora, marcados pela falta, opera-se a separação entre mãe e bebê.

Para onde se volta o olhar desejante da mãe?

O terceiro tempo é quando o bebê é efetivamente frustrado de sua mãe, a qual, pela intrusão paterna, é privada do seu bebê falicamente investido. Aí se dá a introdução da lei. A proibição de dormir com a mãe e, simultaneamente, a permissão de dormir com qualquer outra mulher. O pai aqui aparece como operador da castração simbólica. É ao mesmo tempo aquele que proíbe e também aquele que possibilita a abertura para novos caminhos. É o que vai levar o sujeito a fazer a passagem da natureza para a cultura. A submissão às leis do significante Nome-do-Pai, a partir da interdição do incesto, introduz o sujeito na cultura. É o Nome-do-Pai ou Metáfora Paterna que instaura a linguagem.

Para Lacan a constituição do sujeito está marcada por dois momentos importantes. Um primeiro momento, ao que ele chamou de *Estádio do Espelho*, onde o bebê – ao ver através do olhar da mãe – refletida sua imagem, se reconhece e se aliena nesta imagem. Onde havia apenas uma sensação de corpo despedaçado, se dá uma unificação de seu eu. Este é o momento do registro do Imaginário, onde se dá a entrada do outro. Diz Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação, que é o filhote do homem neste estágio de *infans*, parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (Lacan, p. 92).

Um segundo momento quando se dá o aparecimento da linguagem. Há um endereçamento do bebê ao Outro Materno, endereçamento cujo registro é simbólico, condição de possibilidade de estruturação do Inconsciente. Antes de nascer, um bebê é banhado pela linguagem e ocupa um lugar no desejo inconsciente dos pais. Antes de falar é falado.

Então, diz Lacan, ao enfatizar a conceituação freudiana, o pai não en-

tra como Pênis, entra como Nome. Sendo assim introduz uma dimensão simbólica, o significante, termo que permite a função simbólica. A equação seria então:

pênis = falo = significante da falta = operação de castração simbólica = Nome – do – Pai (Jerusalinsky, 2002, p. 81).

Cientes que haveria muito a acrescentar sobre a teoria lacaniana para os nossos objetivos, fizemos um recorte que nos permite extrair o essencial para este momento da pesquisa. E, sendo assim, não podemos deixar de mencionar que o registro do Real, onde vai aparecer o conceito de gozo, pode prevalecer sobre os demais. Basta, para isso, que a mãe faça do seu bebê seu eterno falo.

Proposta de realização da parte II da pesquisa

O infantil na investigação psicanalítica: *a criança no adulto*

Quando passamos de uma certa idade, a alma da criança que fomos e as almas dos mortos, dos quais brotamos, vem nos ofertar seus bens e seus feitiços (Proust, *Em busca do tempo perdido*).

(...) Também não pretendo que o próprio Freud esteja de acordo com tudo que eu publico. Ele não mediu suas palavras quando lhe pedi opinião. Mas logo acrescentou que o futuro poderia, sob certos aspectos, me dar razão e nem ele, nem eu imaginamos interromper nossa colaboração em função dessas diferenças relativas ao método e à teoria; mas, no que concerne aos princípios de base mais importantes da Psicanálise, estamos perfeitamente de acordo (Ferenczi, 1931:334).

Ao decidirmos pela continuação da pesquisa sobre o Pai na Psicanálise, optamos por focar as diversas modalidades de apreensão da realidade pelo *infans*, a partir do momento de sua concepção e chegada ao mundo humano.

As linhas mestras do pensamento psicanalítico a respeito da constituição do sujeito foram traçadas. Elas serão seguidas, sem a necessidade de repetir aqui toda a teoria que criou o complexo de Édipo, a partir do mito,

considerando que, para Freud, é justamente a sujeição do ser humano ao Outro, devido a sua condição de prematuridade e pulsionalidade (*konstant Kraft*), que se situa no cerne mesmo de sua humanização. A genealogia do sujeito se apóia na construção de um aparelho psíquico, constituído na e pela linguagem, a partir da relação com outro sujeito. Sustenta-se em dois pilares míticos: o assassinato do pai primevo (1912-1913) e o complexo de Édipo (1910), descobertos por Freud na análise de seus pacientes e na sua auto-análise (1897), a partir da metapsicologia dos sonhos (1900). Ambos remetem tanto à cena individual quanto à cena coletiva e também, a partir de uma leitura que, sem dúvida, deve ao estruturalismo de Lacan a suposição de que o sujeito é articulado por estruturas simbólicas que o precedem, o determinam e o transcendem.

Uma vez que a universalidade do simbolismo da linguagem, isto é, a substituição de um objeto por um símbolo ou de uma ação por uma representação simbólica, comum a todo aquele que vem ao mundo e caminha em direção à aquisição da fala – o que se repete a cada geração – é reconhecida, está garantida a entrada do indivíduo na cultura. Uma cultura constituída em um espaço e uma temporalidade (ritmo e intensidade).

Em outras palavras, levando-se em conta os diferentes registros, em que a problemática da genealogia do sujeito pode ser abordada na teoria freudiana, pode-se dizer – resumidamente – que o sujeito freudiano se funda em uma estrutura que o pré-determina, sendo constituído por uma rede de relações que o antecedem e o ultrapassam. Rede esta que é determinante de um movimento constante, um *devoir*. A condição de possibilidade desta estruturação pré-subjetiva remete justamente para o campo do *arcaico*, ao passo que a *hipótese filogenética*, enquanto formulação teórica, parece ser uma maneira de buscar a materialização desta concepção. O arcaico e a hipótese filogenética fazem referência, em primeiro lugar, à proximidade e estreita colaboração entre Freud e o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, que se encontra amplamente documentada na rica correspondência entre os dois psicanalistas (1909-1933), colaboração que será a base teórica desta segunda parte da pesquisa.

Já em 1914²¹ Freud mostra ser o *infans* depositário, servidor e herdeiro dos sonhos e dos desejos não realizados de seus antecessores, sendo esta projeção parental dos ideais narcísicos, simultaneamente, a violência que o aliena

²¹ *Introdução ao narcisismo*, 1914.

e a condição mesma de sua constituição como sujeito. Todo filho é investido narcisicamente pelo casal parental, que nele projeta seu próprio *Ideal de Eu* – leiam-se valores, desejos e sonhos. Sabemos desde então que o *Supereu* se constitui a partir do modelo de *Supereu* dos pais e não do modelo dos pais²². Isso significa que cada geração herda da geração anterior os valores herdados por aquela, formando-se uma cadeia ininterrupta que veicula crenças, valores e desejos inconscientes de geração em geração.

Freud considerou que é pela via das identificações que se dá a transmissão, tema que desenvolve mais amplamente em *Luto e melancolia* (1915), *Psicologia de grupo e análise do eu* (1921), *O eu e o isso* (1923) e no *Mal-estar na cultura* (1929). Mecanismo fundamental na constituição do sujeito, especialmente na estruturação do Eu e do *Supereu*, traduz o peso determinante da cultura e da herança nesta constituição. É o conceito de *identificação*, que integra as figuras do corpo, da alteridade e da cultura, instrumento conceitual necessário como guia para a pesquisa da filiação e de seu correlato, a transmissão e seus destinos, merecendo um destaque especial.

A instalação do *Supereu* pode ser classificada “como um exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental” (Freud, 1932). Erigido dentro do *Eu*, constituído a partir da incorporação das coerções impostas pelo mundo externo às sucessivas gerações, o *Supereu* descreve uma relação estrutural que se institui como herdeira dos vínculos afetivos da infância, englobados no complexo de Édipo. Esta função do *Supereu* garante, como já vimos, uma leitura da transmissão entre as gerações, apoiada no segundo “mito” destacado por Freud: o complexo de Édipo, já mencionado como um dos pilares que sustentam a constituição do sujeito em psicanálise.

As vicissitudes da apreensão desse legado pelo *infans* e o modo como este constrói a *realidade* serão aqui analisadas, na tentativa da construção de hipóteses a respeito da constituição subjetiva na contemporaneidade, em comparação com a que nos foi ofertada por Freud e Ferenczi no final do século XIX e século XX.

A investigação da abordagem da criança (*infans*) e da criança no adulto (Ferenczi) realizada por esses autores, nos permite demonstrar que a concepção teórica da constituição psíquica não se alterou do ponto de vista da psicanálise. As contingências e o contexto hospedeiro do novo *infans* é que precisa ser considerado, pesquisado e atualizado.

²² Cf. Freud. In: *Novas Conferências Introdutórias* (1932: 72), *Esboço de psicanálise* (1938: 236).

Alba Senna

Rua Marques de São Vicente, 250
 Gávea-Rio de Janeiro-RJ
 fone: (21) 2294-2899
 22450-040
 e-mail: albasenna@uol.com.br

Clara Bar

Rua Henrique Dumont, 152/101
 Ipanema-Rio de Janeiro-RJ
 fone: (21) 2294-9285
 22410-060
 e-mail: clarabar@globo.com

Marcia Gaspar Gomes

Rua Marques de São Vicente, 250
 Gávea-Rio de Janeiro-RJ
 fone: (21) 2294-2899
 22451-040
 e-mail: gaspargomesmarcia@gmail.com

Margarida Guilhon

Rua Visconde de Pirajá, 82/409
 Ipanema-Rio de Janeiro-RJ
 fone: (21) 2522-2571
 22410-003
 e-mail: eguilhon@centroin.com.br

Marylink Kupferberg

Rua Jardim Botânico 635/905
 Jardim Botânico-Rio de Janeiro-RJ
 fone: (21) 2239-0031
 22470-050
 e-mail: marykz@uol.com.br

Referências

- ANZIER, Didier. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médica, 1989.
- BIRMAN, Joel. Erotismo, desamparo e feminilidade. In:_____. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 17-58.
- BRUNNER, Jose. Oedipus politicus: o paradigma freudiano das relações sociais. In: ROTH, M. S. (Org.). *Freud, conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 76-86.
- CONTE, C. *Metáfora paterna, em legado freudiano: elementos para uma enciclopédia da psicanálise, sob a direção de Kaufmann, P.* Paris: Bordas, 1993.
- DOR, Joël. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. (Coleção transmissão da psicanálise, v. 23).
- FERENCZI, Sándor. (1931). Análise de crianças com adultos. In: BIRMAN, Joel. *Sándor Ferenczi: escritos psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988. p. 333-346.
- FREUD, Sigmund; BREUER, Joseph. (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenôme-*

- nos histéricos*: comunicação preliminar. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2).
- _____. (1894). *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1895[1894]). *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1895[1894]). *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1895). *Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1896). *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1896). *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1896). *A etiologia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1897). *Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1898). *O mecanismo psíquico do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1899). *Lembranças encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 3).
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 4).
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 5).
- _____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 7).
- _____. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 8).
- _____. (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 10).
- _____. (1909). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 10).
- _____. (1910). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 11).
- _____. (1912-1914). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 13).
- _____. (1913). *O interesse científico da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, v. 13).
- _____. (1914). *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 13).

- _____. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 13).
- _____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 18).
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 18).
- _____. (1923) *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 19).
- _____. (1926 [1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 20).
- _____. (1926). *A questão da análise leiga*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 20).
- _____. (1927). *O Futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 21).
- _____. (1928 [1927]). *Dostoiévsky e o parricídio*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 21).
- _____. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 21).
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 23).
- _____. (1938). *Um comentário sobre o anti-semitismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 23).
- _____. (1939[1934-38]). *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 23).
- _____. (1940[1938]). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, v. 23).
- FREUD, S; BULLITT, W. C. *Thomas Woodrow Wilson: um estudo psicológico*. (1930-1939). Rio de Janeiro: Graal, 1984²³.
- FUKS, B. B. *Freud e a judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GABBI JR, O. Faria. A Origem da moral em psicanálise. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, série 3, v.1, n.2, p.129-168, jul./dez. 1991, Campinas: UNICAP.
- GREEN, André. Le parricide originaire In:_____. *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Editions du Panamá, 2007. p.171-181.
- HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JERUSALINSKY, Alfredo. A Metáfora Paterna e sua relação com a Alíngua. (Mímeo).
- JONES, Ernest. A vida e obra de Sigmund Freud, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. A vida e obra de Sigmund Freud, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. A vida e obra de Sigmund Freud, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

²³ Examinaremos principalmente as apresentações de Chaim S. Katz (p. 7) e de W. C. Bullitt (p. 18), e a Introdução de S. Freud (p. 52).

- KUPERMANN, Daniel. *Humor e sublimação na psicanálise*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2002. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Psicologia, 2002.
- KUPFERBERG, Marylink. *Filhos da guerra: um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão*. Tese (Doutorado em Psicanálise) - PUC-Rio, 2003.
- LACAN, Jaques. *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- _____. *O seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. São Paulo: Zahar, 1987.
- _____. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- _____. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- _____. *O seminário: livro 7: a ética da psicanálise (1950-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *O seminário: livro 16: de um outro ao outro (1968-1969)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. (Coleção transmissão da psicanálise, 11).
- _____. *Cinco lições sobre a teoria de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (Coleção Transmissão da Psicanálise, 30)
- OLIVEIRA, Gilsa F. Tarré de. *O ateísmo da psicanálise*. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=92>. Acesso em: 24 ago. 2010.
- RABINOVICHT, Solal. *Écritures du meurtre: Freud et Moïse: écritures du père 3*. Ramonville Saint-Agne: Erès, 1997.
- ROUDINESCO, Elizabeth. Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (1885-1939)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- SILVESTRE, Michel. Le père, sa fonction dans la psychanalyse. *Ornicar*, n. 34, Paris: Navarin, 1985.
- TOEWS, John E. Ter e ser: a evolução da teoria freudiana do Édipo como fábula moral. In: ROTH, M. S. (Org.). *Freud: conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.